



GT 042. Maternidades, partos e cuidado infantil: políticas dos corpos, direitos humanos e antropologia em ação

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) - Coordenador/a,
 Elaine Müller (UFPE) - Coordenador/a, Giovana
 Acácia Tempesta (UnB) - Debatedor/a, Fernanda
 Bittencourt Ribeiro (Pucrs) - Debatedor/a, Camila
 Pimentel (Fiocruz Pernambuco) - Debatedor/a

Este GT pretende dar continuidade às discussões inauguradas na RBA de 2014 e em outros fóruns de debate antropológico nos últimos anos. Se, de início, nos concentramos nos debates sobre parto, assistência médica e movimentos de mulheres na atualidade, os últimos anos têm nos dado mostra da ampliação da reflexão nesse campo. A antropologia do parto tornou-se, pouco a pouco, a antropologia das maternidades, dos corpos e da infância, tematizando literalmente o cuidado em sua vida social desde uma perspectiva de gênero. Muitos têm sido os seus desdobramentos que nos incitam a propor este grupo, quais sejam: as maternidades contra-hegemônicas; as novas parentalidades; as teorias da maternagem, a criação com apego, a disciplina positiva e seus dilemas; a vida profissional e a maternidade no século 21; as mães e deficiência no contexto do Zika Vírus; aborto; os movimentos sociais-econômicos maternos; a política e a maternidade; as desigualdades e maternidades; as noções de infância; os direitos no/do parto; a pesquisadora como mãe e a antropologia feita por mães, para além, é claro, dos debates sobre assistência médica, leituras de parto, pós-parto e amamentação. Por essa razão, trabalhos que contornem esse leque investigativo serão mais do que bem-vindos no sentido de despertar diálogos antropológicos sobre direitos humanos e maternidades em amplo e em sentido amplo.

“Mães, falemos de maternidade”. Estudo etnográfico da maternidade

Autoria: Violeta Sarai Salazar Salazar, Raquel Wiggers (Professora Doutora em Antropologia - UFAM)

As mulheres têm ganhado voz para expressar o que realmente sentem no seu papel como mães, elas têm começado a expressar também seu descontentamento com a maternidade. As mais ousadas tornam públicos seus desconfortos na “Social Network”, ou redes sociais, Instagram e nos grupos de mães no Whatsapp. Ambas redes sociais têm sido ferramentas fundamentais para o contato com as interlocutoras, porque possibilitam que mulheres manifestassem além de suas alegrias em ser mãe, também seus medos, discordâncias, cansaço, angústias. Nesta pesquisa procuramos comparar os conceitos de maternidade estabelecidos na sociedade com o que as mulheres realmente vivem em suas experiências de ter filhos. Analisamos então os conceitos que compõem a maternidade, que foram considerados como naturais e compreendidos, como “instinto materno”, “obrigações”, “natureza feminina”. E como estes três conceitos se encontram como principal razão de ser mãe: os filhos; adicionado à vida sexual das mulheres, as tarefas domésticas, work e outras responsabilidades, que são aparentemente designadas sócio culturalmente para as mulheres, gerando tensão e desassossegos nelas.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

